LUISA SANCHES

ALÉM DO FIM

Três

Algumas semanas se passaram desde a chegada de Jane, e ela já se sentia “em casa”, por assim dizer. Após alguns dias indo de um lado para o outro, Abe finalmente a designou para a segurança. Ela ficaria na vigília, e também iria nas missões de perímetro.

Hoje seria sua grande estreia nas missões de perímetro. Algumas horas atrás, os vigias relataram ter visto uma horda de infectados se aproximando perigosamente do perímetro leste da fazenda.

Foram designados para essa missão, Liz, Chuck, Abe e Jane. Chelsea estava fazendo um tremendo barulho porque não iria dessa vez, pois seu plantão começava em meia hora.

— Eu quero ir com vocês — reclamou Chelsea, firmemente. — Será mais seguro se mais uma pessoa for para cobrir vocês.

— Chels, será que dá para você se acalmar? — repreendeu Liz. — É só uma patrulha de rotina, nós voltaremos em um piscar de olhos. — Ela passou o braço ao redor dos ombros de Jane. — Essa é a grande estreia da Jan. Você conhece nosso rito de passagem.

— É, eu sei muito bem como ele é. E é ridículo! Quem em sã consciência sai para caçar infectados?

— Nós. — Riu Liz, e Chelsea não compartilhou a risada. — Ora! Vamos lá, Chels, não seja tão chata, você achou um máximo quando foi sua vez.

— Não se preocupe, maninha, a Jan não vai roubar seu posto de melhor amiga — Chuck zoou a irmã. — Esse posto pertence a você para sempre. — Ele riu, e Jane não deixou de notar o tom sarcástico do rapaz.

— Vá se foder, Chuck, você sabe que não é disso que se trata. Eu só não quero que mais ninguém morra. — Os olhos de Chelsea se encheram de lágrimas.

— Não se preocupe, nós vamos ficar bem. Liz e eu somos os melhores rastreadores desta maldita fazenda, e Jane também caçou a vida toda. A diferença é que agora caçamos zumbis.

— Cuide bem desses idiotas — disse Chelsea, quando ela abraçou Jane.

Eles foram para o arsenal se preparar para receber o *briefing* da missão de Liz e Abe e pegar os equipamentos.

— Muito bem, pessoal. Os vigias viram e eliminaram uma horda de pelo menos quinze zumbis na área leste inutilizada da fazenda. Isso significa que eles podem estar em maior número na floresta, alguns metros adiante. — Abe apontou para a área circulada no mapa.

— É muito inquietante eles estarem tão próximos — disse Liz. — Qual tática vamos usar?

— Barulho. A uma milha daqui tem um celeiro abandonado. Vamos levar aquela camionete ali equipada com os alto-falantes na traseira. — Ele apontou para a Dodge Ram preta mais à frente. — Vamos levá-los até aquela área e eliminá-los.

— Não é muito arriscado? Não sabemos quantos são realmente — questionou Chuck.

— Por isso vamos para lá. O carro ficará ligado e vamos aguardar pacientemente nesse mirante de caça na orla da floresta. Vamos recolher a escada de corda e esperar.

— Essa missão pode levar um tempo — observou Chuck. — E como vamos eliminá-los?

— Com isso. — Liz mostrou a outra caminhonete carregada com cinco bombonas plásticas de 50 litros. — John fez essas com fertilizante. Fico tão agradecida que aquele maluco caipira seja aficionado por explosivos. — Ela sorriu. — Bom, eu vou até a fazenda vizinha, instalo os explosivos e fico na retaguarda de vocês.

— Eu não acho isso uma boa ideia — disse Jane pela primeira vez desde que o *briefing* começou. — Não sabemos quantos infectados estão lá fora, não é prudente nem sensato nos separarmos.

— Também acho — concordou Chuck. — Vamos todos juntos. Além de mais olhos, também teremos mais mãos para montar os equipamentos. Lembre-se: nenhum homem fica para trás.

— Certo! Vamos começar a separar nossos equipamentos e suprimentos.

John já havia separado seus equipamentos, Jane pegou a sua arma favorita para seus turnos de vigia: a bela e confiável Dragunov, e uma Bereta. Vestiu seu uniforme tático preto e colocou a máscara de gás recém-adquiridas.

Ela lamentou um pouco por Abe não ter autorizado sua participação na missão que trouxe as máscaras, cerca de doze. Ela também levou uma bela

machadinha Tomahawk tática, pois nunca se sabe quando será necessário quebrar algo.

— Bom, os supressores vão ser úteis para diminuir o ruído e ser mais difícil localizar nossa posição. O som vai ajudar a diminuir o ruído — disse Chuck.

— Pera aí, silenciadores não eliminam totalmente o barulho das armas? — perguntou Jane, espantada.

— Esse é um mito idiota que Hollywood criou — bufou Chuck. — Embora seja um ótimo acessório para as armas, ele não consegue tirar todo o ruído. — Jane olhou para ele um pouco alarmada com a falsa segurança que os filmes criaram nela sobre os silenciadores. — Não se preocupe, a distância é boa o suficiente do celeiro para a música abafar o ruído

Jane percebeu que Chuck começou a tremer e suar quando pegou a M2010 na mão.

— Ei, você está bem? — ela perguntou baixinho, e colocou a mão em seu ombro.

— Sim, só uma pequena crise de pânico. Eu não seguro uma dessas desde que dei baixa dos fuzileiros. Que merda! Mesmo após três anos de terapia, é só vê-la que entro em pânico.

— Não se sinta mal, Chuck, você continua ótimo em comparação ao filho da senhora Morris, minha antiga vizinha em Chicago. — Ela suspirou ao lembrar do filho da mulher, Dave. — Ele não aguentou e tirou a própria vida.

— Estaria mentindo se dissesse que não pensei, mas quando lembro da minha mãe e minha irmã, a vontade passa. Foi por elas que aceitei entrar na terapia de veteranos.

Quando todos se equiparam, eles se separaram em grupos para ir para as camionetes. Jane preferiu ir com Liz na camionete das bombas. O caminho foi silencioso. O ar estava carregado de tensão, e as duas quase não trocaram palavras, concentradas em manter o foco.

Quando chegaram à fazenda vizinha, desceram do carro já com as armas em punho. Jane preferiu sair com a machadinha nas mãos. Abe e Chuck também desceram de sua camionete e se juntaram a elas. Juntos, vasculharam cada canto da fazenda, desde a sede até o celeiro.

Encontraram alguns errantes pelo caminho, mas Chuck e Abe os eliminaram com suas bestas. Enquanto os homens desciam as bombonas da camionete, as garotas decidiram investigar o interior da casa.

A casa não parecia ter sido utilizada durante o surto, pois não havia portas abertas ou janelas quebradas. Liz sacou um kit de Michas e começou a trabalhar na porta da frente. Quando conseguiu abri-la, sinalizou para que Jane pegasse sua arma de fogo. Ela pegou a pistola e apontou para a porta. Liz a abriu devagar, fazendo o mínimo de barulho possível. Elas entraram juntas, cada uma vasculhando um cômodo.

Jane foi para a sala, enquanto Liz seguiu para a sala de jantar. A casa era o típico bangalô americano, e foi vasculhada cuidadosamente, e tudo parecia estar limpo. De repente, Liz deu um grito surpresa, que fez Jane se sobressaltar e correr imediatamente para o quarto ao lado. Liz havia largado seu equipamento e estava mexendo em algumas prateleiras que iam do chão ao teto.

Jane se aproximou e viu que elas estavam cheias de livros e DVDs. Ela esquadrinhou as prateleiras, e elas estavam repletas de clássicos: Hemingway, Dickens, Lewis, Austin, Twain, Wolf, Serventes e Poe, mas também os best-sellers da era moderna, King, Collins, Martin, Rolling, Cornwell.

Os DVDs variavam desde os filmes mais populares até coleções de séries e clássicos do cinema: Curtindo a Vida Adoidado, Casa Blanca, e alguns dos maiores títulos de Western etc.

Jane sorriu ao ver que a saga Harry Potter estava completa nas prateleiras, com duas edições: a primeira e a ilustrada, era sem dúvida sua saga preferida. Ela lembrou com carinho de sua mãe lendo para ela e o irmão antes de dormirem. Aqueles livros fizeram parte de sua adolescência nos anos 90 e 2000, e ela esperava poder compartilhá-la com seus próprios filhos um dia.

— Caramba, isso é um achado. — Liz se aproximou do projetor e o aparelho de DVD. — Acha que funciona?

— Bom, pelo estado de conservação que está a casa, acredito que sim.

— Temos que carregar isso tudo para a nossa camionete.

Jane concordou.

— Venha um pouco aqui na cozinha, quero te mostrar uma coisa — disse Jane.

Elas seguiram para a cozinha e Jane abriu as portas dos armários. Encontraram muitos legumes enlatados, algumas embalagens de cookies de massa pronta e caixas de cereais variados: Count Chocula, Fruitloops, Pops e Special K. Na geladeira, estavam fora da validade, mas totalmente comestíveis, havia algumas latinhas de Dr Peper e Coca-Cola.

As duas começaram a atacar os cereais e beber os refrigerantes, mesmo quentes. Para Jane, era uma delícia que a fez lembrar como sentia falta de comer e beber coisas açucaradas.

Jane foi até a porta da frente e gritou por Chuck e Abe. Eles vieram correndo, alarmados, e quando chegaram lá dentro e viram todas aquelas coisas espalhadas na mesa, deram risadas e começaram a atacar tudo com elas.

— Vamos carregar essas coisas para o carro e levar essas guloseimas deliciosas para nosso esconderijo no mirante. Ah, e vamos levar o projetor e o DVD. Ted pode usar os painéis solares para fazermos noites de filmes na fazenda. E os livros vão para a biblioteca da escola — disse Liz.

Todos começaram a carregar a camionete onde antes estavam as bombas. Quando tudo estava carregado, eles levaram os doces para o mirante de caça.

— As bombas já foram colocadas no celeiro e estão armadas — disse Abe, mostrando o detonador que estava no bolso de seu colete. — Estamos prontos.

O ar ficou mais denso naquele momento. Todos entraram na Ram preta e ficaram mortalmente silenciosos. Eles dirigiram para a área desativada da fazenda Abbott e desceram da camionete. Havia pegadas por toda parte, e eles pararam nos corpos espalhados pelo chão. Reuniram todos os corpos e atearam fogo.

— Está na hora — disse Chuck, e ele plugou seu iPod.

Jane sorriu. Não lembrava qual foi a última vez que viu um daqueles. Chuck ligou o sistema de som e colocou sua playlist, “Carry on Wayward Son”, do Kansas, começou a tocar no volume máximo.

Abe pisou fundo no acelerador e eles começaram a andar pelas estradas de terra por dentro da floresta. Rodaram boa parte das trilhas próximas, e muitos infectados começaram a correr atrás do carro. Abe acelerou ainda mais e dirigiu em direção ao celeiro. Lá, largaram a camionete ligada e correram para a outra.

Em poucos segundos, chegaram até o observatório, o som de “Welcome to the Jungle” reverberava por toda a orla.

Eles se posicionaram ofegantes, e não demorou muito para os infectados se aproximarem e corressem em direção ao barulho ensurdecedor. Passaram algumas horas observando através de seus Scopes e eliminando o máximo que suas balas permitiram. Os infectados estavam detonando a camionete abandonada, quebrando os vidros, subindo e arranhando a lataria, e brigando entre si para chegar perto do veículo, tentando pegar o que estava dentro.

— Acho que isso é tudo — disse Abe. — Eles estão aí há horas fazendo essa bagunça e nenhum retardatário apareceu nesse meio-tempo.

— Manda ver, vovô — disse Chuck.

E, ao som de “Every Breath You Take”, o celeiro foi pelos ares, levando com ele os infectados e a camionete, deixando tudo silencioso novamente.